



1) O peixinho Vermelho

Esta história se passa em um pequeno lago lamacento onde vivia uma colônia de peixes, que se alimentavam de larvas e restos de comida que vinham com as grandes chuvas.

Certos de ser ali o único lugar existente no mundo, os peixes se reuniram e nomearam um peixe grande, gordo, de barbatanas enormes como rei daquele "mundo".

Neste "reino" vivia um pequeno peixe vermelho que, por ser menor que todos os outros, gozava de pouco ou quase nenhum privilégio. Com a chegada das chuvas, que traziam restos de comida, sempre ficava com fome, pois os outros comiam em demasia e preocupavam-se em pegar o máximo de comida que podiam.

Cansado desta vida o pequenino começou a estudar, ampliar sua percepção e concluiu que o mundo seria muito diminuto se fosse resumido àquele pequeno lago lamacento. Percebeu que as chuvas nem sempre eram constantes, havendo o risco de todos morrerem se as chuvas ficassem mais escassas. Notou também, após muita observação, que quando o nível da água subia um pequeno cano dava vazão para outros lagos.

Com a chegada das chuvas o pequenino se aventurou e com muito esforço, perdendo boa parte de suas escamas, enfiou-se por dentro do cano e chegou a um lago enorme, cheio de peixes de diversos tipos, tamanhos e cores. Ficou tão encantado com aquilo que ficou dias a admirar e pensou o quanto era insignificante o mundo onde vivia. Pode observar a fartura de alimento, as aves e os homens. Coisas nunca antes vistas ou imaginadas.

Mas depois de alguns dias ele pensou: - "Se alguém criou tudo isto, certamente deveria haver algo maior". Foi quando percebeu, que a maré já estava alta, e o mar, era aquela imensidão azul que se confundia com o céu. Estava bem ali, mas à primeira vista, longe do seu alcance. Então ele calculou que se prendesse a respiração e pulasse rapidamente poderia atravessar, apesar do esforço.

Com muita luta ele conseguiu chegar ao mar e ficou ainda mais encantado. O lago onde estava não era nada comparado àquilo. Nadava com leveza e alegria junto a criaturas enormes admirando sua beleza. Tomado de curiosidade por uma baleia, nadou tão perto dela que foi tragado junto com a refeição daquele enorme ser. Dentro de suas entranhas o peixinho orou ao Deus dos peixes, pedindo para que o livrasse daquela situação. Então como que por milagre, a baleia regurgitou e colocou o pequenino de volta ao mar.

Agradecendo a salvação ele tornou-se mais cauteloso, descobrindo que na beleza também existe seu perigo. Vivia alegre, mas uma ponta de decepção batia em seu coração. Precisava arrumar um jeito de voltar e avisar aos demais que aquele lamaçal não era o centro do mundo, que aquilo não era nada comparado ao que vira e que com o período de seca eles corriam perigo de vida. Decidiu então tomar o tortuoso caminho de volta.

Sua chegada causou espanto a todos e de imediato contou o que vira e o que poderia acontecer. Ninguém acreditou em sua história. Não se dando por vencido pediu aos demais que o levassem até o rei, que com dó e em tom de sarcasmo concedeu-lhe um minuto de sua atenção.

Ele, o rei, convocou todos e ordenou ao peixinho que falasse à população. O peixinho disse que o lago podia secar e todos morreriam, que havia um mundo enorme fora dali e que todos poderiam se salvar, mas teriam que fazer um grande regime para passar no estreito cano. O sacrifício valeria a pena.

Quando acabou seu discurso o rei e a população riram e escarneceram do pequenino, dizendo que não havia mais nada além do lago e que ali era o centro do mundo.

Triste com tudo aquilo o peixinho partiu e regressou ao mar...

Passadas as chuvas, veio uma grande seca que deixou o pequeno mangue quase sem água e toda sua população veio a falecer. Uns grudados na lama, de gordos que eram, outros entalados no cano, tentando escapar por onde o

peixinho partira...

"O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás a beleza e o perfume das flores que plantaste!!"

2) O Peixinho Amarelo

No centro de formoso jardim, havia grande lago, adornado de ladrilhos azul-turquesa.

Alimentado por diminuto canal de pedra, escoava suas águas, do outro lado, através de grade muito estreita.

Nesse reduto acolhedor vivia toda uma comunidade de peixes, a se refestelarem, nédios e satisfeitos, em complicadas locas, frescas e sombrias.

Elegeram um dos concidadãos de barbatanas para os encargos de rei, e ali viviam, plenamente despreocupados, entre a gula e a preguiça.

Junto deles, porém, havia um peixinho amarelo, menosprezado de todos.

Não conseguia pescar a mais leve larva, nem refugiar-se nos nichos barrentos.

Os outros, vorazes e gordalhudos, arrebatavam para si todas as formas larvárias e ocupavam, displicentes, todos os lugares consagrados ao descanso.

O peixinho amarelo que nadasse e sofresse. Por isso mesmo era visto, em correria constante, perseguido pela canícula ou atormentado de fome.

Não encontrando pouso no vastíssimo domicílio, o pobrezinho não dispunha de tempo para muito lazer e começou a estudar com bastante interesse.

Fez o inventário de todos os ladrilhos que enfeitavam as bordas do poço, arrolou todos os buracos nele existentes e sabia, com precisão, onde se reuniria maior massa de lama por ocasião de aguaceiros.

Depois de muito tempo, à custa de longas perquirições, encontrou a grade do escoadouro.

A frente da imprevista oportunidade de aventura benéfica, refletiu consigo:

- "Não será melhor pesquisar a vida e conhecer outros rumos?"

Optou pela mudança.

Apesar de macérrimo pela abstenção completa de qualquer conforto, perdeu várias escamas, com grande sofrimento, a fim de atravessar a passagem estreitíssima.

Pronunciando votos renovadores, avançou, otimista, pelo rego d'água, encantado com as novas paisagens, ricas de flores e sol que o defrontavam, e seguiu, embriagado de esperança...

Em breve, alcançou grande rio e fez inúmeros conhecimentos.

Encontrou peixes de muitas famílias diferentes, que com ele simpatizaram, Instruindo-o quanto aos percalços da

marcha e descortinando-lhe mais fácil roteiro.

Embevecido, contemplou nas margens homens e animais, embarcações e pontes, palácios e veículos, cabanas e arvoredos.

Habitado com o pouco, vivia com extrema simplicidade, jamais perdendo a leveza e a agilidade naturais.

Conseguiu, desse modo, atingir o oceano, ébrio de novidade e sedento de estudo.

De Início, porém, fascinado pela paixão de observar, aproximou-se de uma baleia para quem toda a água do lago em que vivera não seria mais que diminuta ração; impressionado com o espetáculo, abeirou-se dela mais que devia e foi flagrado com os elementos que lhe constituíam a primeira refeição diária.

Em apuros, o peixinho aflito orou ao Deus dos Peixes, rogando proteção no bojo do monstro e, não obstante as trevas em que pedia salvamento, sua prece foi ouvida, porque o valente cetáceo começou a soluçar e vomitou, restituindo-o às correntes marinhas.

O pequeno viajante, agradecido e feliz, procurou companhias simpáticas e aprendeu a evitar os perigos e tentações.

Plenamente transformado em suas concepções do mundo, passou a reparar as infinitas riquezas da vida. Encontrou plantas luminosas, animais estranhos, estrelas móveis e flores diferentes no seio das águas. Sobretudo, descobriu a existência de muitos peixinhos, estudiosos e delgados tanto quanto ele, junto dos quais se sentia maravilhosamente feliz.

Vivia, agora, sorridente e calmo, no Palácio de Coral que ele gera, com centenas de amigos, para residência ditosa, quando, ao se referir ao seu começo laborioso, veio, a saber, que somente no mar as criaturas aquáticas dispunham de mais sólida garantia, de vez que, quando o estio se fizesse mais arrasador, as águas de outra altitude continuariam a correr para o oceano.

O peixinho pensou, pensou e sentindo imensa compaixão daqueles com quem convivera na infância, deliberou consagrar-se à obra do progresso e salvação deles.

Não seria justo regressar e anunciar-lhes a verdade? não seria nobre ampará-los, prestando-lhes a tempo valiosas informações?

Não hesitou.

Fortalecido pela generosidade de irmãos benfeitores que com ele viviam no Palácio de Coral, empreendeu comprida viagem de volta.

Tornou ao rio, do rio dirigiu-se aos regatos e dos regatos se encaminhou para os canaizinhos que o conduziram ao primitivo lar.

Esbelto e satisfeito como sempre, pela vida de estudo e serviço a que se devotava, varou a grade e procurou, ansiosamente, os velhos companheiros.

Estimulado pela proeza de amor que efetuava, supôs que o seu regresso causasse surpresa e entusiasmo gerais. Certo, a coletividade Inteira lhe celebraria o feito, mas depressa

verificou que ninguém se mexia.

Todos os peixes continuavam pesados e ociosos, repimpados nos mesmos ninhos lodacentos, protegidos por flores de lótus, de onde saiam apenas para disputar larvas, moscas ou minhocas desprezíveis.

Gritou que voltara a casa, mas não houve quem lhe prestasse atenção, porquanto ninguém, ali, havia dado pela ausência dele.

Ridiculizado, procurou, então, o rei de guelras enormes e comunicou-lhe a reveladora aventura.

O soberano, algo entorpecido pela mania de grandeza, reuniu o povo e permitiu que o mensageiro se explicasse.

O benfeitor desprezado, valendo-se do ensejo, esclareceu, com ênfase, que havia outro mundo liquido, glorioso e sem fim.

Aquele poço era uma insignificância que podia desaparecer, de momento para outro.

Além do escoadouro próximo desdobravam-se outra vida e outra experiência. Lá fora, corriam regatos ornados de flores, rios caudalosos repletos de seres diferentes e, por fim, o mar, onde a vida aparece cada vez mais rica e mais surpreendente.

Descreveu o serviço de tainhas e salmões, de trutas e esqualos. Deu notícias do peixe-lua, do peixe-coelho e do galo-do-mar.

Contou que vira o céu repleto de astros sublimes e que descobrira árvores gigantescas, barcos Imensos, cidades praieiras, monstros temíveis, jardins submersos, estrelas do oceano e ofereceu-se para conduzi-los ao Palácio de Coral, onde viveriam todos, prósperos e tranquilos. Finalmente os informou de que semelhante felicidade, porém, tinha Igualmente seu preço.

Deveriam todos emagrecer, convenientemente, abstendo-se de devorar tanta larva e tanto verme nas locas escuras e aprendendo a trabalhar e estudar tanto quanto era necessário à venturosa jornada.

Assim que terminou, gargalhadas estridentes coroaram-lhe a preleção.

Ninguém acreditou nele.

Alguns oradores tomaram a palavra e afirmaram, solenes, que o peixinho amarelo delirava, que outra vida além do poço era francamente impossível, Que aquela história de riachos, rios e oceanos era mera fantasia de cérebro demente e alguns chegaram a declarar que falavam em nome do Deus dos Peixes, que trazia os olhos voltados para eles unicamente.

O soberano da comunidade, para melhor ironizar o peixinho, dirigiu-se em companhia dele até á grade de escoamento e, tentando, de longe, a travessia, exclamou, borbulhante:

- "Não vês que não cabe aqui nem uma só de minhas barbatanas? Grande tolo! vai-te daqui! não nos perturbes o bem-estar... Nosso lago é o centro do Universo... Ninguém possui vida igual à nossa!

Expulso a golpes de sarcasmo, o peixinho realizou a viagem de retorno e instalou-se, em definitivo, no Palácio de Coral, aguardando o tempo.

Depois de alguns anos, apareceu pavorosa e devastadora seca.

As águas desceram de nível. E o poço onde viviam os peixes pachorrentos e vaidosos esvaziou-se, compelindo a comunidade inteira a perecer, atolada na lama...

(as duas histórias são adaptadas do prefácio do livro Libertação. Psicografia de Francisco Cândido Xavier, ditado pelo espírito de André Luiz)